

ECLESIOLOGIA I

OS PRIMEIROS CRISTÃOS

A restauração da Aliança Divina tem início com a caminhada dos Patriarcas: Abraão, Isaac... Os profetas e por fim o portador dessa restauração: “Jesus Cristo”, que com 30 anos anuncia o amor do Pai a todas as criaturas. Escolheu inicialmente os apóstolos, um a um os instruiu e enviou-lhes pelo mundo a pregar o Reino de Deus (Mc. 3,13-19; Mt. 10,1-42). Começa aqui a formação de sua Igreja, com os primeiros seguidores de sua doutrina. Inicialmente chamou-os de amigos e depois de irmãos. Com eles começou um novo estilo de vida: a vida em comunidade, mostrando aos homens como viver de forma horizontal entre si e verticalmente com Deus.

Como todo grupo formalmente organizado precisa de um líder, Jesus era esse em vida e se aplicou na maior perfeição, porque sabia que não iria permanecer com eles por muito tempo. O que fez? Delegou um pastor para o seu rebanho. Denominando-o de Pedro. (Mt. 16,13-19).

Sua Igreja começa a tomar formas definidas. Chega a “hora” do Cristo entregar a sua vida em reparação do pecado do homem. Nesse momento, os seus seguidores dispersaram-se. Mas, como sempre, lá está sua mãe, que em momento algum o abandonou.

Quando Cristo atinge sua vitória sobre a morte, ressuscitando dentre os mortos antes de subir até o Pai, reagrupa os seus seguidores e confere por definitivo a Pedro a liderança da nova comunidade (Jo. 21,15-17). Assim como Jesus passou a liderança da comunidade, Pedro faria mais tarde a outro que fosse digno dessa função e assim sucessivamente até nossos dias.

Jesus os conforta com a promessa do Paráclito (Lc. 24,49). A Igreja de Cristo inicialmente era formada por apóstolos, discípulos, algumas mulheres e Maria, sua mãe (At. 1,13-14), que se limitam em Jerusalém até a confirmação da promessa: a vinda do Espírito Santo (At. 2,1-4). E é com a descida do Espírito Santo de Deus que a Igreja de Cristo é estabelecida por definitivo. Agora eles poderiam sair pelo mundo afora sem temor, pois já estavam revestidos com o poder do alto. E sem perda de tempo, começam a dar testemunho de Cristo para várias pessoas que ali estavam, com o próprio Pedro (At. 2,14-36), e que de imediato se convertem para Cristo (At. 2,37-41).

Os primeiros cristãos eram constantes no ensino dos novos discípulos, nas orações, na fração do pão; vendiam suas propriedades e distribuíam conforme a necessidade de cada um, reuniam-se no templo todos os dias e em suas casas com alegria e simplicidade de coração, tinham tudo em comum e cada vez mais aumentava o número de irmãos (At. 2,42-47; 4,32-37).

Os apóstolos logo eram seguidos pelo Sumo-Sacerdote e pelas seitas que ficaram muito enciumadas (At. 5,17-18), mas Deus intercedia em seu favor (At. 5,19-21).

A comunidade aumentava surpreendentemente, começando a aparecer os primeiros problemas e os apóstolos intervêm, destinando pessoas capacitadas ao serviço das messes, ou seja, Diáconos (At. 6,1-6).

Agora as perseguições eram feitas na comunidade de Jerusalém (At. 8,1-3), mas isso, de uma forma ou de outra, fez com que o evangelho fosse cada vez mais difundido pelos que haviam sido dispersos (At. 8,4-8).

Paulo, antes perseguidor implacável dos cristãos, transforma-se em discípulo de Cristo (At. 9,3-15). Torna-se agora um dos mais conhecidos apóstolos de Cristo, através de suas pregações e viagens pelo mundo inteiro.

Foi Antioquia da Síria, a primeira grande cidade onde se misturaram cristãos e convertidos do Judaísmo e do Helenismo. Logo começou o uso do nome de cristãos (At. 11,26).

Acontece o crescimento de comunidades cristãs por todo mundo. Vale ressaltar que o desenvolvimento missionário não irá gerar dispersão de grupos locais autônomos, não perdem a intuição original de sua profunda unidade. Mantinham contato com a Igreja-mãe de Jerusalém, de onde eram enviados missionários como Barnabé e Paulo (At. 11, 22), que promoviam regularmente reuniões e instrução catequética (At. 11,26).

As perseguições foram investidas com mais violência a partir de Nero, imperador de Roma (54 a 68) que os obriga a reunirem-se em catacumbas, lugares estes que não despertavam desconfiança das autoridades romanas. Mesmo assim os cristãos não se intimidaram e cada vez mais pregavam a boa nova, motivo este das decapitações de Paulo, Pedro e outros, tudo em nome de Jesus Cristo.

A segunda perseguição foi feita por Domiciano (81 a 96). Assim fez também Marco Aurélio (161 a 180). Parecia que o cristianismo perdia terreno, mas ao contrário, por esse período a religião romana influenciada pelas novas ideias cristãs, tornara-se mais branda e sentimental. Contudo as perseguições não param por aí, com Diocleciano (284 a 305) foi a era dos mártires.

Estava evidente que as perseguições tiveram efeitos mais progressivos do que regressivos; ficavam mais ainda convictos de sua fé, e Constantino (306 a 337) percebeu-se disso dando liberdade de culto aos cristãos. Depois foi proclamado o princípio da tolerância religiosa em 313 pelo Edito de Milão, e liberado em 325 pelo Concílio de Nicéia.

Portanto chega ao auge: é oficializada como religião do Estado por Teodósio (379 a 395) que reabriu as Igrejas Cristãs em Constantinopla e espalham-se por todos os países civilizados.

Como já dissemos cada congregação tinha um responsável pelos ensinamentos e pelos assuntos relacionados com as necessidades materiais da mesma. Ordenados por um sacramento especial passaram a ser os sacerdotes da Igreja. Acima deles estava o bispo, reconhecido como padre supremo da diocese. E como poder supremo estava o Bispo de Roma, sucessor legítimo do "trono" de São Pedro.

ECLESIOLOGIA II

A IGREJA NA IDADE MÉDIA

A Idade Média, período da história compreendido entre o século IV ou V para muitos (476 queda do último imperador romano) e o século XV (queda de Constantinopla e fim da Guerra dos Cem anos – 1453), abrangeu quase um milênio. Foi de fundamental importância para o estabelecimento das atuais estruturas políticas, econômicas, sociais e também eclesiais e, por conseguinte, o seu estudo se reveste de primordial valor para que entendamos o porquê de muitas questões que repercutiram até os dias de hoje.

Alguns acontecimentos no início da Idade Média começaram a marcar e a delinear a história da Igreja Católica:

1. O reconhecimento da liberdade de culto aos cristãos em 330;
2. A adoção do Cristianismo como religião oficial do Império Romano em 392.

Portanto, num primeiro momento, a organização hierárquica eclesial visava à consolidação das recentes vitórias obtidas pelo cristianismo.

Inicialmente não havia condições definidas para o acesso à função eclesial. Apenas no século IV determinou-se que apenas homens livres poderiam ingressar no clero, e proibiu-se a passagem direta do leigo ao episcopado sem antes exercer uma função inferior. O celibato não era obrigatório, apenas recomendado, surgindo a primeira legislação a respeito na Espanha, no Sínodo de Elvira, em 306, onde se proibia o casamento aos clérigos sob pena de destituição. Esta prescrição foi sendo apoiada por padres de diversas regiões, e ela, juntamente com a inserção de impostos e o privilégio de um tribunal próprio para o Clero, ao qual muitas vezes o leigo estava submetido, foi afastando gradativamente o corpo eclesial da sociedade.

Para a formação da estrutura da Igreja, acabaram contribuindo bastante, e inesperadamente, “As Heresias”, que era, do ponto de vista da Igreja, um desvio dogmático, ou seja, uma interpretação discordante do ensinamento oficial do Clero Cristão. Por isso, qualquer ideia que parecesse herética era submetida ao Bispo local, que geralmente colocava entre seus padres nas Assembleias Episcopais ou Sínodos. Contudo, questões doutrinárias de maior relevância eram debatidas nos Concílios Ecumênicos, que reuniam os Bispos de todas as regiões. O primeiro deles foi celebrado em Nicéia em 325. Ao longo da Idade Média ocorreram 17 Concílios, que tiveram um papel fundamental na definição e estruturação da Igreja Católica.

Contudo, os conflitos provocados pelas heresias começaram a ganhar força e a enfraquecer a autoridade moral dos Concílios. Foi a partir daí que se começou a notar que era necessário um poder central acima de todos, como o que Cristo exerce sobre o universo. Foi em função disso que o Bispo de Roma sobrepôs sua autoridade, usando a partir do final do século IV o título de Papa (pai de todos os Cristãos). Mas baseado em que o Bispo de Roma conseguiu tal supremacia?

Um dos fatos decisivos para esta condição foi o prestígio de Roma, por tantos séculos centro político e cultural do Mediterrâneo. O apoio político do Imperador Romano também foi importante.

Outro fato foi o resgate da discussão de que São Pedro teria sido o primeiro Bispo de Roma e que seu corpo sagrado se encontrava enterrado naquela cidade, convencendo-se a partir de Leão I (440-461) que o Bispo Romano seria o herdeiro e representante do apóstolo.

Nesta época estreitaram-se as relações Igreja-Estado, sendo que os integrantes do clero participavam do Conselho Real e os Bispos tinham poderes civis. Por outro lado, o monarca presidia os Sínodos, punia os Bispos e até intervinha em questões doutrinárias. Os Bispos eram nomeados pelos soberanos, mas isso não era considerado um desvio de função e sim um serviço prestado pelo Monarca à Igreja, quase um dever do cargo.

Numa segunda fase, a partir do século IX, inspirado em Santo Agostinho, ganhou terreno a teoria que afirmava a superioridade do espiritual sobre o temporal, e tentava submeter à monarquia ao controle episcopal.

Entre 858-1054 surgiu um impasse entre o Papa Nicolau I, seus sucessores, Adriano II e João VII e o Imperador Miguel III, por causa da nomeação por este último de um patriarca oriental e a não ratificação desta nomeação pelos papas citados. Este fato, juntamente com o saque de Constantinopla pelos cruzados, em 1204, e a instalação de um Imperador e Patriarcas Latinos, magoaram muito os cristãos orientais, a ponto de provocar a ruptura da Cristandade Oriental com Roma, surgindo assim a Igreja Ortodoxa.

Outro acontecimento importante na história da Igreja neste período, foi que no fim do século XI os papas começaram a gozar de grande influência e começaram a empreender esforços para impedir o crescimento do Islamismo e retomar os territórios por eles conquistados. Com a conquista de Jerusalém pelos Turcos em 1076, o Papa Urbano II apoiou a organização da primeira Cruzada e no Concílio de Clermont em 1095, convocou os Cristãos do Ocidente para tomarem o símbolo da Cruz e rumarem a Jerusalém para libertar o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis.

Esta I Cruzada teve a participação de cerca de 300.000 homens, que por volta de 1097 alcançaram Constantinopla e em 15/07/1099, após sangrentas batalhas conseguiram reconquistar Jerusalém. A primeira e a melhor das Cruzadas tinha atingido o seu objetivo, porém a falta de uma organização política e militar nos territórios recém-conquistados, favoreceu a reorganização dos Turcos, que retomaram alguns territórios e voltaram ameaçar Jerusalém.

Com essas notícias, o Papa Eugênio III mandou organizar a segunda Cruzada, a qual conseguiu mobilizar cerca de 80.000 homens. A liderança medíocre, a falta de provisões e a traição do Imperador oriental, que estava secretamente aliado aos inimigos levou a derrota clamorosa dos Cruzados, após um período de batalhas de quase 40 anos, sendo que 30/10/1187 os Turcos chefiados pelo seu maior general (Saladino) conseguiram tomar Jerusalém e transformar as Igrejas Cristãs em Mesquitas Maometanas.

A III Cruzada foi composta de várias expedições organizadas pelos Papas Urbano II e Inocêncio III e estimulada por vários Imperadores. Nesta houve várias batalhas vitoriosas, mas também muitas derrotadas, com cerca de 120.000 perdas do lado dos cristãos e 140.000 do lado turco. Porém o objetivo final pleno só foi alcançado na verdade na primeira Cruzada.

O Tribunal da Inquisição foi outro ponto polêmico deste período da história da Igreja. No fim do século XIII, surgiu no sul da França uma Seita Herética que pregava que o casamento era em si um pecado maior que o amor livre, e a fome, o suicídio e o aborto eram atos normais. Muitos nobres e ricos mercadores começaram a apoiar estas ideias que foram logo se difundindo e colocando em risco a estrutura da família e da sociedade em geral.

O Papa Inocêncio percebendo o perigo mandou vários enviados, entre eles os Monges Cistercienses, para tentarem convencer os heréticos a mudarem de postura, porém os enviados foram assassinados. O Papa recorreu ao rei da França que resolveu fazer uma Guerra Santa para eliminar os infiéis, o que já estava sendo feito por muitos movimentos leigos.

Para impedir a morte de muitos, sem a oportunidade de defesa, o Papa resolveu criar tribunais especiais da Igreja para julgar os acusados de novas crenças e costumes morais. Mas somente em 1233, o Papa Gregório IX criou a Inquisição para julgar os suspeitos.

Em nossa época ninguém sonharia em empregar tais métodos contra aqueles que negam o ensinamento da Igreja, e na verdade muitas foram as condenações dos papas contra o uso da força para converter pessoas ao Cristianismo. Os métodos de Inquisição têm recebido muitas críticas das gerações posteriores, algumas delas justas, mas devemos nos lembrar sempre que ela era apenas um tribunal de Inquérito da Igreja. A punição e a sentença de morte eram efetuadas pelo Estado. Na verdade houve vezes em que a Igreja pediu clemência e o Estado se recusou em conceder. Injusto e anti-histórico julgar a Inquisição sem situar no ambiente da sua época.

No início do século XV, todos haviam sentido a necessidade de reformar alguns aspectos eclesiais em virtude de alguns abusos quanto a doutrina. Contudo, a questão das indulgências foi a gota d'água para iniciar a reforma protestante pelo frade agostiniano alemão Martinho Lutero, a partir de 1517. Nesta questão é bom lembrar duas coisas:

- 1) As indulgências eram cobradas a muito tempo de forma justa e aceita pelos fiéis, sendo que com a construção da Basílica de São Pedro elas eram concedidas gratuitamente aos que fizessem alguma doação para as referidas despesas. Mas com o passar do tempo começaram a ocorrer distorções na sua aplicação, por parte dos leigos, que pensaram que poderiam comprar alguma remissão do seu tempo no Purgatório, e por parte de alguns Clérigos que as ofereciam como se estivessem à venda;
- 2) As Indulgências foram apenas um pretexto para Lutero, que a partir delas começou a atacar e até a questionar a natureza da Igreja Católica, negando a autoridade do Papa, pregando a leitura e a interpretação da Bíblia por cada um, negando o valor das obras e da caridade para a salvação, negando a intercessão dos Santos, abolindo o celibato. Portanto, aquilo que Lutero dizia ser uma *restauração* era mais uma destruição, a reforma verdadeira ocorreu no Concílio de Trento.

ECLESIOLOGIA III

A HIERARQUIA DA IGREJA

A documentação Cristã mais antiga atesta que desde as origens o povo messiânico tem certa estrutura, certa diferenciação de funções e atribuições entre seus membros, devido não apenas a carismas ocasionais, mas ao ministério estável.

A hierarquia é um termo proveniente do grego e significa Governo Sagrado. Hierarquia da Igreja Católica consiste em:

- Papa;
- Cardeais;
- Bispos;
- Cônegos;
- Párocos e/ou Sacerdotes.

❖ O Papa

É o governante espiritual de milhões de católicos. Diferente de Jesus Cristo, designado por Deus. Como Bispo de Roma, é o sucessor de São Pedro. Bispo de Roma, vigário de Jesus Cristo, sucessor dos Príncipes dos Apóstolos. O Bispo de Roma tem primazia sobre todos os outros Bispos.

Nosso Senhor instituiu o Papado quando disse aos seus Apóstolos: *“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”* (Mt. 18,18). Para os Judeus e os Rabinos, *“ligar e desligar”* significa decidir o que era certo ou errado. As chaves são o emblema da autoridade absoluta.

Às vezes, quando há um acúmulo de questões sérias que estão além do campo de ação de indivíduos ou de congregações, o Papa sente a necessidade de consultar todos os seus irmãos Bispos. As decisões do Concílio Ecumênico também devem ser confirmadas pela autoridade do Papa.

❖ Os Cardeais

Por volta do século IV, o Papa verificou a necessidade de dividir Roma em considerável número de Paróquias. O Clero principal, os Homens-Chaves de Roma, foram chamados Cardeais. Como era grande o número de serviços, o Papa teve de recorrer aos Bispos vizinhos para ajudá-lo. Esses Bispos e Diáconos também receberam o título de Cardeal.

Os Cardeais são considerados Príncipes da Igreja e têm precedência, depois do Papa. Os deveres deles incluem: a eleição de um novo Papa, a atuação, como legados, para representarem o Papa em importantes funções, ou lidar com situações especiais, ajudar no governo da Igreja como membros de uma ou mais Congregações, Tribunais ou Comissões Romanas.

❖ Os Bispos

A Igreja Católica é governada por Bispos. Os Bispos são os sucessores dos Apóstolos e o seu campo de ação é a Diocese, chegando até exercer a função de um legislador. Ele regulamenta a observância das Leis da Igreja para seus súditos em circunstâncias especiais. Naturalmente o Bispo dirige todo o Clero Secular da

sua Diocese; nomeia Sacerdotes para as paróquias e outros cargos. Também concede autoridade para determinado sacerdote exercer certos poderes, como o de ouvir confissões ou de celebrar matrimônios. Se um Sacerdote de algum modo transgredir as normas da Igreja, o Bispo pode aplicar-lhe penalidade.

❖ **Cônegos**

Na sua diocese, um Bispo, às vezes, necessita do conselho do seu Clero principal e sua Catedral precisa de um corpo permanente de Sacerdotes para realizar o Culto diário. Aqueles que assessoram o Bispo e servem à Catedral são chamados de Cônegos.

Assim como o governo da Igreja está nas mãos dos Cardeais quando morre o Papa, o governo da Diocese é de responsabilidade do Cabido (Conselho de Cônegos), quando falece um Bispo. Entretanto, os Cônegos devem reunir-se para eleger um Vigário Capitular (não é necessário que este seja um Cônego).

❖ **Párocos e/ou Sacerdotes**

A Paróquia consiste em uma Igreja, seu Sacerdote e os fiéis a quem serve. Os Sacerdotes, também conhecidos por Pároco, normalmente são nomeados pelo Bispo e são chamados também de “Cura de Alma”, porque devem, em sua consciência, celebrar a Missa e administrar os Sacramentos para satisfazer as necessidades do seu rebanho. Eles são obrigados a viverem na sua paróquia, próximo a Igreja, e o tempo que eles podem ausentar-se no decorrer de um ano, sem razão especial, é limitado pela lei Canônica.

A principal fonte de renda da maioria das paróquias ainda é a coleta feita no ofertório da missa dominical. Os membros da Igreja têm o dever de sustentar seus pastores e colaborar na melhoria do trabalho da Igreja, com ajuda financeira.

Pelo fato dos leigos não pertencerem à hierarquia da Igreja, a sua função não é menos digna. Os cargos da Igreja não devem ser encarados como *“Promoção de honra e de destaque social, mas como serviços dos fiéis dentro da sua fé”*.

ECLESIOLOGIA IV

A TRANSCENDENTALIDADE DA IGREJA

Existe uma relação entre o povo de Deus, os que constituem a Igreja peregrina desta terra, e o povo de Deus para além da morte. Ora, sabemos que a natureza humana está presa ao tempo e ao espaço, e que pelo advento da morte é que acontece esse rompimento. Pois bem, mesmo aqueles que partiram e se purificaram no purgatório ou mesmo os que já se encontram no céu, como os anjos, mantêm uma comunicação mútua de auxílio, orações e benefícios com os fiéis, quer os que já estão de posse da pátria celeste, quer os que ainda estão cumprindo suas faltas, quer os que ainda são viajantes nesta terra, formando todos uma só cidade. A esse fato denominamos de *transcendentalidade da Igreja*, porém é necessário aprofundarmos melhor esta afirmação.

Vejamos: O próprio Cristo afirma que seu reino não é desse mundo (Jo. 18,36) o que implica dizer que essa Igreja está subordinada a essa situação, e mais! que o Reino está presente no interior dos que creem (Mt. 17,21). Estes, conforme o Evangelho de São João, renascem pela água e pelo espírito, se nutrem de um “*pão do céu*” e assim começam o tipo de existência que desabrocha na ressurreição (Jo. 6, 32.40). Diante do exposto chegamos a uma conclusão: que esta Igreja (Assembléia de pessoas) não se retêm só a essa realidade, vai além, pois na sua função salvífica ela transcende os limites da ordem temporal, buscando imprimir em seu trabalho a condição divina: *Meu reino não é desse mundo*.

Todos, em grau e modo diverso, participam da mesma caridade de Deus e do próximo, e cantam o mesmo hino de glória a nosso Deus. Pois todos os que são de Cristo e possuem o seu Espírito, se congregam numa só Igreja e nele se unem entre si (Ef. 4,16). A união com os irmãos que repousam na paz de Cristo, de maneira nenhuma se interrompe, mas ao contrário, conforme a fé perene da Igreja, se vê fortalecida pela comunicação dos bens espirituais. Pelo fato de os habitantes do céu estarem unidos mais intimamente a Cristo, consolidam com maior firmeza a Igreja na Santidade, enobrecem o culto que ela oferece a Deus na terra e contribuem de muitas maneiras para sua edificação. (I Cor. 12,12-27).

Para encerrarmos, devemos mencionar o fato dessa Igreja estar sobre a proteção do divino Espírito Santo, presente no meio dessa Igreja, iluminando os caminhos a serem trilhados, que através da luz da fé, acreditamos ser o próprio Deus interagindo no meio do seu povo, tornando-o universal, como o próprio Deus, pois este não é terreno. Portanto, essa Igreja rompe as barreiras do tempo.

ECLESIOLOGIA V

OS SACRAMENTOS

A união dos homens com Deus é feita através de uma ligação simbólica. Exemplo: Jesus perdoou os pecados de um doente e seus inimigos não entenderam como isso era possível ou real. Para provar que seu perdão era real, Jesus fez uma coisa externa, sensível e palpável: ordenou que ele se levantasse, tomasse o leito e fosse para casa. (Mt.9,1-8)

Essa íntima ligação que não entendemos de forma interior é feita por meios externos, e esses são os sacramentos, um sinal ou ação visível.

A Igreja é o sacramento por excelência, pois santifica, consagra o mundo e constrói na terra o reino de Cristo. Depois da sua ascensão ao céu, Jesus não se esqueceu dos homens, mas encontrou meios para fazê-los participar da sua vida divina e comunicar-lhes a sua graça.

Estes sinais sagrados, instituídos por Jesus Cristo para conferir aos homens a graça divina, foram confiados por Ele à Igreja que administra estes Sacramentos.

São eles:

❖ BATISMO

No início da vida, o homem recebe o batismo que apaga nele a triste herança dos primeiros pais, o pecado original. Ele nasce em Deus para uma vida nova e é introduzido na comunidade cristã, na Igreja. *“Convertei-vos e seja cada um de vós batizados em nome de Jesus”*. (At. 2,38; Zac. 13,1).

Requisito para a aplicação do Batismo: renúncia a tudo o que separa de Deus; profissão de fé que a Igreja prega deste o tempo dos apóstolos; participação na vida da Igreja.

Aí está o requisito para a efetuação do Batismo, porém há aquela interrogação: Mas a minha igreja batiza as crianças que não têm ainda a consciência desses requisitos, e qual é a explicação? Quando Jesus ordena a seus discípulos *“Ide então, fazei de todos meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...”* (Mt. 28,19), ele privou as crianças de receberem o batismo? Vejamos outra passagem: *E como tinha recebido o Batismo com todos os de sua casa, fez este pedido...”* (At. 16,14-15). Será que naquela casa não teria nenhuma criança? Sabemos que o Batismo é uma opção por uma vida cristã, mas que a criança não se encontra ainda em condição de optar. Vamos agora fazer a comparação para entendermos melhor outra questão: A criança foi consultada se queria ser registrada como cidadã brasileira? (No caso de ter nascido no Brasil). Os pais permitem que os filhos escolham o nome de si mesmo? Ora, se você achou que sua nacionalidade e seu nome eram coisas boas, como negar o batismo às crianças, se os pais consideram a religião católica, boa, verdadeira, valiosa e necessária para a felicidade e salvação? Por que lhes negar o direito de encaminhar seu filho para esta religião a fim de receber as graças que Cristo oferece a todos os homens?

Agora entra um fato muito importante: os padrinhos. São eles que assumem a responsabilidade junto com os pais, a obrigação de darem uma educação moral e cristã às crianças, enquanto elas não chegam à confirmação do seu batismo.

A Igreja nos diz também sobre as crianças que morrem sem o batismo. As mesmas passam a viver em um plano espiritual diferente de todos os outros: O limbo. A Igreja dá também a liberdade de aplicar o sacramento em casos de morte, sem a cerimônia religiosa presidida pelo sacerdote.

❖ CONFIRMAÇÃO OU CRISMA

Chegando à idade da adolescência, o homem recebe o sacramento da confirmação para ser um cristão autêntico. Recebe luz e força para assumir consciente a sua condição de filho de Deus.

Este sacramento tem dois nomes: Crisma ou confirmação. Crisma porque é unção com óleo da Crisma. Esta é a opção consciente do jovem cristão, uma confirmação daquilo que ele recebeu no batismo. Confirma e ratifica a decisão que os pais e padrinhos tomaram em seu lugar, na hora do batismo. Neste sacramento, o cristão recebe as graças ou os dons do espírito Santo. *“Rezaram pelos samaritanos para que recebessem o Espírito Santo. De fato, o Espírito Santo ainda não tinha descido sobre nenhum deles, por que eles estavam batizados só em nome do Senhor Jesus”* (At. 8, 15-17).

Geralmente é o Bispo que administra este sacramento, mas com uma licença do mesmo, o sacerdote também pode administrá-lo.

Podemos também escolher um padrinho ou uma madrinha de crisma, como seus pais fizeram por você em seu batismo, mas, desta vez, não será escolhido por eles para responderem por você diante da comunidade, e sim para ajudarem a viver mais plenamente seu caminho para a maturidade cristã. Eles serão suas testemunhas mais do que “seus pais espirituais” (Padrinhos de Batismo). A função deles difere, portanto, daquela que compete aos padrinhos de batismo, já que supostamente, você agora responde por si mesmo e por suas convicções diante da comunidade cristã.

❖ A SAGRADA EUCARISTIA

Pela eucaristia, Cristo o alimenta com seu corpo e sangue, a fim de que o cristão não desanime na sua viagem para a eternidade.

Foi na sinagoga de Cafarnaum que o Cristo prometeu aos judeus o sacramento da Eucaristia. *O pão que vos darei é minha carne para a vida do mundo.* Então os judeus murmuravam entre si e diziam: Como este nos pode dar a sua carne para comer? Jesus respondeu uma verdade: *“Em verdade eu vos digo, se não comerdes a carne do filho do Homem e não beberdes do seu sangue, então a vida não entrará em vós. Quem come a minha carne e bebe do meu sangue, terá a vida eterna e eu o ressuscitarei no dia do juízo. Pois a minha carne é verdadeiro alimento e o meu sangue a verdadeira bebida”.*

Jesus certa feita, perguntou aos apóstolos: *Também vós não quereis ir embora?* Então Pedro, sem entender a palavra de Cristo em todo o seu sentido, aceitou a verdade sem muita interpretação, confiou plenamente em Jesus e respondeu em nome dos apóstolos: *“A quem iremos, Senhor? Só tu tens palavras de vida”.* (Jo. 6,68).

Esta deve ser a atitude do cristão diante deste sacramento, não ao contrário, como os judeus; uma coisa misteriosa, macabra, inútil e até mesmo idolatra, dura demais para luz da razão humana.

Essa comunhão do corpo e sangue do Nosso Senhor Jesus Cristo é feita na Santa Missa, e só o sacerdote tem o poder da consagração. Nossas Igrejas deveriam ter mesas e cadeiras onde os fiéis receberiam o pão sem fermento e o cálice com vinho, como na última ceia, para que, como Jesus o fez, o sacerdote os consagre para o banquete. Mas as impossibilidades são grandes e o número de fiéis não é o mesmo da época dos primeiros cristãos.

Recebemos a eucaristia com esta intenção, isto é, sentir o desejo de receber Jesus para santificação da nossa vida. Nunca comungar por outros motivos, como: por influência, por vaidade, para ser visto e considerado piedoso, por rotina, ou para fazer gosto a outras pessoas. Seriam comunhões inválidas, prejudicando a nossa vida espiritual.

Antes da comunhão devemos nos preparar com muita humildade e fé. Conscientizar-se do bem, da sublimidade da Santa Comunhão. A preparação corporal consiste no jejum eucarístico, isto é, abster-se uma hora antes da comunhão de qualquer alimento sólido e/ou bebida, a não ser água. Quem for comungar venha decentemente vestido, com roupas limpas, primar pela simplicidade e modéstia como convém o ato.

❖ PENITÊNCIA

Nas fraquezas e quedas, Deus lhe oferece o perdão na confissão. Deus reconcilia e refaz a amizade dando novas energias.

Quando Cristo morreu na cruz, não foi só para um punhado de pessoas já de vida íntima com Deus, mas sim, para o pior pecador, aquele o qual desprezamos, maltratamos e fazemos todo tipo de injúria contra ele.

Há, no meio popular, ditados referentes ao pecador que são engraçados ou que parecem ter lógica, mas no fundo é uma afronta contra a misericórdia de Deus. Exemplo: "Todo pau que nasce torto, morre torto". Perceberam a negação total sobre o perdão que Deus nos oferece? Se isso fosse verdade, não teríamos hoje como exemplo de vida um S. Paulo, uma Maria Madalena, S. Francisco e outros que nasceram tortos, porém não morreram tortos.

Deus ama o pecador. O profeta Jeremias já pregava isso: "*A todos perdorei as faltas sem guardar nenhuma lembrança dos seus pecados*" (Jer. 38,8). E Deus confirma isto através do seu próprio filho, dando-se em sacrifício para a redenção do universo.

Jesus, com autoridade estabeleceu como norma que o perdão dos pecados nos viesse através de terceiros, instruindo os apóstolos e seus sucessores como seus intermediários: "*A quem vós perdoardes os pecados, a eles serão perdoados.*" (Jo 20,22; Lc 24,36). Hoje muitos não querem aceitar a confissão sacramental e dizem: "só me confesso a Deus, pois Deus é quem perdoad". Na sua maneira de salvar o homem, Deus não dispensa a ação do homem. Embora seja o Espírito Santo quem santifica o homem, mas Ele se aproveita do mesmo para comunicar suas graças.

Diz um dos apóstolos: *Confessai os vossos pecados uns aos outros* (Tg. 5,16). Se confessarmos nossos pecados, Ele é tão justo que nos perdoa e nos purifica de toda a iniquidade (I Jo.1,9; I Cor 11,31; Eclo. 18,20; Sl. 50,2; Ap 1,18)

Para uma boa confissão são necessários: o exame de consciência, arrependimento, bom propósito, confissão de todos os pecados e satisfação.

❖ UNÇÃO DOS ENFERMOS

Cristo não esquece dos pecadores agonizantes que sofrem em seu leito o fogo que consome suas esperanças, fé e alegria. *“Expulsam os demônios unguindo com óleo, muitos enfermos, curavam-nos”* (Mc. 6,13).

Pela Santa Unção dos Enfermos, toda a Igreja encomenda os doentes no Senhor, que sofreu e foi glorificado. O sacerdote pede ao Senhor que Ele os alivie e salve, e exorta os doentes a unirem-se à Paixão e Morte de Cristo e contribuam assim para o bem do povo de Deus.

Com estas palavras também é interpretado o sentido cristão da doença: carregar o sofrimento em união com Cristo, para contribuir na obra da salvação do mundo.

Uma outra passagem nos reforça a crença desse sacramento: *“Está enfermo algum de vós, mande chamar o sacerdote da Igreja e ele reze sobre ele, unguindo-o com óleo no nome do Senhor. E a oração salva o enfermo. O Senhor fará levantar-se e se tiver cometido pecados ser-lhe-ão perdoados”* (Tg. 5,14-15).

Durante muito tempo este sacramento foi considerado como sacramento dos moribundos. Por isso foi chamado de extrema ou última Unção. Era considerado prenúncio da morte ou ingresso no céu.

❖ ORDEM

Quando o homem escolhe um estado de vida, Deus oferece os sacramentos da Ordem para os sacerdotes e o Matrimônio para os casados.

Vivemos hoje num mundo que têm uma visão voltada somente para o progresso em todas as naturezas humanas. Onde desaparece a fé, a visão pelo sagrado, onde não se compreende mais o valor do sacrifício ao se consagrar, onde só é valorizado um trabalho produtivo para construir o mundo material. Não se entende mais o trabalho específico do padre e muito menos surgem as vocações sacerdotais.

A vocação sacerdotal é uma entrega total de sua vida a Deus. *“Jesus os chama um a um e eles o seguiram”* Outros até quiseram segui-los, mas Jesus os adverte: *“As raposas têm covas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o filho do homem não tem onde descansar a cabeça”*.

“Segue-me! Deixe que os mortos enterrem os seus mortos”.

Além da disponibilidade, Jesus exige a coragem firme: *“Por isso não tenhas medo deles! Nada há de secreto que não venha, a saber. O que vos falo na escuridão da noite dize-o em plena luz; e o que ouvís em segredo proclamai-o sobre os terraços. Não tenhais medo daqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma”* (Mt. 11 26-35).

A opção sacerdotal é irrevogável, uma vez que o mesmo aceita o chamado de Deus e se ordena livremente. Ele não é sacerdote a prazo, mas tu és sacerdote *Eterno*, para sempre, no tempo e na eternidade.

Os responsáveis pela formação e ordenação dos seminaristas, devem procurar descobrir se existem no candidato sinais autênticos de sua vocação.

Senhor, que vossos sacerdotes estejam revestidos de salvação e que vossos fiéis se rejubilem no bem (II Cor. 6,41). Ser modelo para os fiéis nas palavras, no procedimento, na caridade, na fé, na castidade (I Tim. 9,12; Gal. 1,10).

O sacerdócio é a verdadeira missão do sacerdote. *“Ensina estas coisas, recomenda-as, repreende com toda força da autoridade, ninguém te despreze” (Tit. 2,15). Disse Jesus: Vós sóis a luz do mundo, vós sois o sal da terra (Mt. 5,13-14).*

Todos se considerem como ministros de Cristo, como administradores dos mistérios de Deus (I Cor. 4,1): Somos, portanto, embaixadores a serviço de Cristo como se Deus exortasse pela nossa boca (II Cor. 5,20).

❖ MATRIMÔNIO

Deus os abençoou: *“Frutificai e multificai-vos e enchei a terra e submetei-a” (Gen. 1,28). “Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe para se unir a sua mulher, e serão os dois uma só carne” (Gen. 2,24; 2,18; Eclo. 36,24-25; I Cor. 7, 1-5).*

A família é a imagem de Deus, pois ela revela Deus no mais íntimo do seu mistério. Pois Deus não é solidão, mas é família: Pai, Filho e Espírito Santo.

A família é uma aliança de pessoas. Para sua aliança, elas são chamadas amorosamente pelo Pai. Homem e mulher são chamados por Deus para uma vida de íntima comunhão e amor. Esta vida de comunhão e amor tem como modelo a fonte do amor de Cristo pela sua Igreja.

Matrimônio é uma doação, entrega exclusiva, irrevogável e fecunda à pessoa amada, e não existe perda da própria identidade.

É preciso estar bem preparado e ciente do que é a vida conjugal e na escolha do companheiro.

Quem encontra uma mulher virtuosa encontra um bem, recebeu um favor de Deus (Prov. 19, 14). Não desdenhas uma mulher sábia, uma bondade graciosa vale mais do que as pérolas (Eclo 1,19; Prov. 19,13; 11,12; 12,4).

O matrimônio é administrado pelo casal e o sacerdote só confirma perante Deus e os abençoa em nome da Santíssima Trindade.

ECLESIOLOGIA VI

CATOLICISMO - IGREJAS CRISTÃS - SEITAS

A divisão dos cristãos é totalmente contrária aos ensinamentos de Jesus Cristo: *“Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam como nós... Eu não rogo somente por estes, mas pelos que hão de crer em mim por meio de sua palavra, para que todos sejam um só, como Tu, Pai, és em mim e Eu em Ti, para que eles sejam também em nós, a fim de que o mundo creia que Tu me enviaste”* (Jo. 17, 11-20).

A unidade dos discípulos seria o grande sinal da divina missão de Jesus e portanto, as rupturas haveriam de constituir, ao contrário, enorme prejuízo à credibilidade do Evangelho: *“Um escândalo para o mundo”*.

Reconheçamos que a Igreja, mesmo sendo Santa, passou por fases negras, e logo surgem pessoas com o intuito de devolver a luz que a Igreja tinha no início de sua história. Pois bem, muitos desses até conseguiram *“reformá-la”* sem dividir o rebanho de Cristo. Como exemplos temos: Santo Antonio, São Francisco, entre outros. Porém alguns reduziram a glória de Cristo em uma religião particular.

Vamos aprofundar por essas novas religiões que nasceram após o catolicismo.

❖ Igreja Ortodoxa

O primeiro grande cisma que houve, foi no século XI, no ano de 1054, com o patriarca Miguel Cerulário, que deu origem à Igreja Ortodoxa, no Oriente. A palavra Ortodoxa vem do grego *orthos* = reto e *doxa* = fé. Conservam substancialmente a doutrina católica, com ressalva do não conhecimento do primado de jurídico e magisterial do Bispo de Roma (O Papa).

O motivo principal que levou a esse cisma foi à discussão em torno da Santíssima Trindade. Não aceitavam que as três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, tivessem natureza e substância eternas e comuns. A cristandade ficou dividida entre duas Igrejas: Católica Apostólica Romana, no Ocidente e Católica Apostólica Ortodoxa, no Oriente.

As Igrejas Católica e Ortodoxa apresentam pequenas diferenças nos dogmas, e muitas na liturgia e na hierarquia eclesiástica:

- ✓ Veneram Nossa Senhora, mas não reconhecem que ela tenha sido concebida sem pecado;
- ✓ Creem em Cristo como filho de Deus encarnado e Redentor das criaturas;
- ✓ Os fieis comungam através de pão e vinho, consagrados na missa;
- ✓ A celebração se faz em línguas nacionais antigas, como o grego, eslavo, aramaico ou árabe;
- ✓ Fontes dogmáticas: Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição.

Um outro grande cisma da Igreja Católica que ocorreu no século XVI, se deu por meio de Martinho Lutero. Nascido em Sisleben, Alemanha, aos 11 de

novembro de 1483. Entrou para o convento dos agostinhos e aos 23 anos emitiu seus votos de obediência, castidade e pobreza. Alguns anos mais tarde, violou todos eles, rebelando-se contra o Papa. Lutero tinha um caráter orgulhoso e sensual. Aos poucos se afastou do procedimento correto no campo moral e no campo doutrinário. Casou-se com uma freira.

Lutero construiu uma doutrina religiosa própria. O homem se justifica apenas pela fé e está só perante Deus. Rejeitou a hierarquia religiosa, o uso do latim nos cultos religiosos e cinco dos sete sacramentos, mantendo apenas o Batismo e a Comunhão ou Eucaristia; mesmo assim, negava que durante a comunhão pudesse ocorrer a Transubstanciação (transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo). Acreditava que a Bíblia era a única fonte de verdade divina e cada homem deveria interpretá-la de acordo com sua consciência e capacidade. A ninguém caberia definir uma interpretação única do Livro Sagrado. Com essa visão, Lutero abriu as portas a toda espécie de anarquismo. Pelo fato de muitos textos contradizem abertamente seus pontos de vista, então declarou que tais livros da Bíblia não eram autênticos.

Em 1517, Lutero publicou 95 teses, seu primeiro documento de contestação, no qual expunha sua doutrina e opunha-se à venda de indulgências na Alemanha, mas ainda não manifestava um rompimento absoluto com a Igreja.

Em 1520, as ideias de Lutero já haviam conquistado muitos seguidores. Em represália, o Papa Leão X excomungou-o (a excomunhão era a expulsão da Igreja e a certeza da condenação ao inferno). A reação de Lutero foi queimar publicamente a bula (carta do papa) que o excomungava.

Em 1530, Felipe de Melancton – também ex-monge, da mesma ordem de Lutero – fez uma exposição completa da doutrina luterana, que ficou conhecida como *Confissão de fé de Augsburgo*, que não foi aceita pelos católicos.

Finalmente, em 1555, foi firmada a Paz de Augsburgo, quando católicos e protestantes ratificaram um acordo. Lutero morreu em 18 de fevereiro 1546. Hoje o protestantismo começado por Lutero se divide em mais de mil Igrejas. Cada um combate a outra, acusando-se mutuamente de estarem erradas.

❖ Anglicanos

Henrique VIII, da Inglaterra, foi o fundador. Em 1521 escreveu um livro para demonstrar a falsidade da doutrina de Lutero. O papa Leão X proclamou-o defensor da fé. Casando com Catarina de Aragão com a qual teve cinco filhos. Mais tarde pediu o divórcio ao Papa para casar com Ana, mas o Papa fora irremovível. Cego de paixão, rompeu com Roma e se uniu aos protestantes. Casou-se várias vezes.

O início da Igreja Anglicana se deu historicamente em 1534, com o “Ato de Supremacia Régia”, de Henrique VIII.

Sua doutrina baseia-se em:

- ✓ A bíblia é a única fonte de fé;
- ✓ Há um mistério hierárquico de bispos, sacerdotes e diáconos;
- ✓ Aceitam como sacramento o batismo e a eucaristia.

Entre as igrejas protestantes, esta é a que mais se aproxima da Igreja Católica em relação à doutrina e a liturgia.

❖ **Batistas**

O fundador dessa igreja é John Smyth. Era um clérigo anglicano que, não aceitando a doutrina da Igreja anglicana, fugiu da Inglaterra para a Holanda. Em Amsterdã, influenciado por outros protestantes, aceitou suas idéias e rebatizou-se. Mas tarde teve dúvidas sobre a validade do batismo administrado por si mesmo, se fez rebatizar outra vez, mas não por imersão. Teve início a Igreja Batista.

Hoje no mundo temos uma divisão enorme de batistas, cada qual com um credo diferente: Batistas do Sétimo Dia, Batistas dos Seis Princípios, Batistas do Livre-Arbitrio e Igreja Batista de Cristo, além de outras.

A sua doutrina:

- ✓ Batismo administrado só aos adultos e por imersão
- ✓ Exclusão total do culto a Maria;
- ✓ Combate à veneração dos Santos.

❖ **Metodistas**

John Wesley foi fundador. Nasceu em 1703 na Inglaterra. Ali se juntou com seu irmão Charles e outros. Formaram o “Clube Santo” que é um grupo de jovens que se dedicava à oração, meditação e prática da caridade. Pelo seu método de funcionamento, esse grupo foi apelidado de “metodista”. Wesley gostou desse apelido e mais tarde fundou sua igreja com este nome.

A sua doutrina é essa:

- ✓ A Bíblia é a única fonte de fé;
- ✓ Condena a interpretação privada;
- ✓ Ensina que a salvação é para todos.

❖ **Adventistas**

William Miller é o fundador. Era agricultor. Na idade de 34 anos se converteu aos Batistas. Começou a interpretar o livro mais difícil, o Apocalipse.

Descobriu que o fim do mundo está próximo, e através de cálculos infantis passou grande parte de sua vida marcando o dia da Parusia e, obviamente, sempre errando.

Sua doutrina é esta:

- ✓ Observância do sétimo dia;
- ✓ São, em geral, vegetarianos;
- ✓ Só será salvo quem pensa como eles.

❖ **Pentecostais**

A assembleia de Deus foi fundada em 1914, Arkansas, por um grupo de pastores provenientes de diversas espécies de protestantismo, mas quase todos com raízes em princípios pentecostais. Esses pastores conseguiram reunir umas 100 congregações diferentes em uma só denominação, que se chamou Assembleia de Deus – Concílio Geral.

Sua doutrina será vista a seguir, e basicamente os pontos doutrinários são tirados das outras, como Batistas, Metodistas,...

- ✓ Aceitam todos os princípios protestantes, a Bíblia como a única regra de fé;
- ✓ Só a fé salva;

✓ Negação do culto a Maria.

Nossos irmãos na fé em Cristo, que não são católicos, procuram um diálogo que nos una e diminua nossas divergências de doutrina e de normas disciplinares. A Igreja faz o mesmo com relação a eles.

A palavra *ecumenismo* pode ter sentido de “catolocidade”, mas tem sido usada para designar a união da família cristã. É a forma mais intensa de diálogo religioso nos últimos tempos.

A Igreja Católica com o Concílio Vaticano II não buscou outra coisa senão sua renovação interior e o diálogo com todos os irmãos cristãos.

Vamos rezar para que essa união seja, o mais breve possível concretizada e, como São Francisco, sejamos instrumentos dessa paz.

❖ **Ciência Cristã**

Tem como fundadora Mary Baker Eddy (1821-1910), Estados Unidos. Desenvolveu um sistema de cura espiritual baseada no princípio de que a mente é a única realidade e a matéria não passa de ilusão. O pensar corretamente é a resposta à ilusão da doença. O movimento alastrou-se, sobretudo nos países de língua inglesa. O culto singelo inclui leituras das obras de sua fundadora, além de relatos de cura.

❖ **Testemunhas de Jeová**

Tem como fundador Charles Taze Russell. Seus adeptos interpretam a Bíblia corretamente, rejeitam a Trindade e compreendem Jesus Cristo à maneira ariana (ARIANISMO - Doutrina segundo a qual Jesus Cristo não era da mesma substância de Deus, mas foi criado por “Deus Pai” como instrumento da criação).

Citaremos algumas das crenças das Testemunhas de Jeová, onde se distinguem de outras religiões cristãs:

- ✓ O nome de Deus é Jeová;
- ✓ Cristo é o filho de Deus e inferior a ele;
- ✓ A alma humana deixa de existir na morte;
- ✓ Assimilar sangue no corpo, pelas veias, viola as leis de Deus.

Para sustentar esses ensinamentos, as T. de Jeová não podem valer-se das traduções comuns da Bíblia Sagrada, e por isso produziram a sua própria tradução, a versão Novo Mundo.

❖ **Mórmons**

Conhecida também como: “A Igreja dos Santos dos Últimos Dias”. O seu fundador Joseph Smith (1805-44), Estados Unidos, afirmou haver traduzido o Livro de Mórmon, que complementa a Bíblia. Ensina que Jesus Cristo se revelou aos primeiros imigrantes na América, onde fundou uma nova Jerusalém. A igreja é dirigida por uma hierarquia complicada (não conhecida). Os mórmons prestam dois anos de serviços gratuitos à Igreja. Sua doutrina:

- ✓ Deus – negam a trindade, negam também a espiritualidade divina, dizendo que o Pai e o Filho têm carne e osso.

- ✓ Homem – ensinam que todos os homens e mulheres são literalmente os filhos e filhas da divindade, tendo, portanto existido em forma de espírito antes de habitarem a terra;
- ✓ Pecado – não aceitam a doutrina do pecado original e ensinam a completa inocência das crianças até os oito anos de idade. Consideram também o batismo indispensável para a salvação.
- ✓ Igreja – sua Igreja é a única verdadeira.

❖ Hare Krishna

Sua fundação foi oficialmente há 500 anos, por Sra. Chaytania, na Índia, onde a devoção a Krishna já era praticada há cerca de cinco milênios.

Suas crenças são:

- ✓ Reencarnação em longa escala, em que os seres evoluem de vegetais e animais.
- ✓ Prática da ioga como sendo o caminho para encontrar a perfeição e o ser supremo.

❖ Espiritismo

A história do espiritismo teve início em Hydesville, Estados Unidos. Na noite de 31 de março de 1848, alguns ruídos estranhos começaram a incomodar a casa da família Fox. A garota Kate Fox, de apenas 11 anos, desafiou a força invisível a repetir as batidas que ela dava com os dedos. As respostas não tardaram a chegar, estabelecendo-se assim para eles a comunicação do mundo espiritual com o nosso mundo.

Sua doutrina baseia-se em:

- ✓ Existência de Deus – inteligência cósmica, criadora e mantedora do universo.
- ✓ Existência da alma e do espírito – envolvido por um corpo espiritual, o qual durante a vida está ligado às manifestações psicossomáticas, conservando depois da morte a identidade pessoal;
- ✓ Lei da pluralidade de mundos ou de planos habitados – qualquer que seja o corpo que revestia o espírito, transforma o universo em cenário para a ebulição;
- ✓ Lei da Reencarnação – segundo a qual todos os seres humanos voltam a terra e, em sucessivas reencarnações, vão evoluindo gradativamente tanto no plano intelectual como moral, resgatando erros e crimes cometidos em reencarnações passadas.
- ✓ Lei do Carmo, ou da casualidade Moral, que interliga, por princípio de Justiça, as vidas sucessivas de cada espírito, descrevendo-lhe o destino através dos atos praticados.

As diferenças entre a Bíblia e o espiritismo são tão profundas que se torna impossível qualquer tentativa de harmonizar os dois.